

REGIMES DE INTERAÇÃO EM PRÁTICAS COMUNICATIVAS: Experiência de intervenção em um espaço popular em Recife (PE)¹

Yvana Fechine²
João Pereira Vale Neto³

Resumo: *Inseridos em uma rede de promoção social, denominada Coque Vive, o Departamento de Comunicação e o Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco participam, desde 2006, de um conjunto de intervenções sociais no Coque, considerado um dos espaços populares mais pobres e violentos de Recife. Além da pobreza, os moradores do Coque sofrem com o preconceito provocado pela atuação histórica de grupos criminosos na comunidade. Jornais e programas de TV locais retratam o lugar como “morada da morte” e referem-se, sem constrangimento, à “gente perigosa do Coque”. Configuradas, inicialmente, como projetos de extensão em Comunicação preocupados em produzir outros conteúdos sobre e a partir do Coque, essas intervenções na comunidade propiciaram aos seus protagonistas uma experiência singular de transformação identitária. O artigo analisa os sentidos e regimes de interação envolvidos nessas ações e transformações.*

Palavras-Chave: *Representação.1 Interação .2 Identidade .3*

Introdução⁴

Vizinho a dois bairros nobres de Recife (Boa Viagem e Ilha do Leite), o Coque é um dos espaços populares mais pobres de Recife e um retrato eloquente das desigualdades sociais na cidade. Para se ter uma ideia, 57% dos moradores do bairro do Coque vivem com renda mensal entre meio e um salário mínimo, número abaixo da média estadual⁵. Além da pobreza, os moradores do Coque sofrem com o preconceito provocado pela atuação histórica

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Comunicação e Sociabilidade”, do XIX Encontro da Compós, na PUC Rio, Rio de Janeiro, RJ, em junho de 2010.

² Yvana Fechine é professora do Departamento de Comunicação/Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE e coordena o projeto Coque Vive. yvanafechine@hotmail.com

³ João Pereira Vale Neto é mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE e é coordenador assistente do projeto Coque Vive. jono.vale@gmail.com

⁴ Este artigo é uma versão revista e ampliada do texto enviado, juntamente com o relatório do projeto “Estação Coque Vive: plataforma de produção audiovisual em articulação com uma rede de promoção social numa comunidade do Recife”, ao Programa de Extensão Universitária/Proext Cultura 2008-2009 (Ministério da Cultura, Ministério da Educação), como parte das exigências feitas às iniciativas financiadas pelo programa.

⁵ Informações disponíveis em MAPA DO FIM DA FOME II. FGV/IBRE, CPS, 2004. Outros dados, do Atlas de Desenvolvimento Humano (2005), apontam o Coque como a região de menor IDH da cidade, com um índice de 84% da população adulta de analfabetos funcionais e de 74% para jovens entre 14 e 18 anos.

de grupos criminosos na comunidade. A pretexto de denunciar a violência na cidade, jornais e programas de TV locais retratam o lugar como “morada da morte” e referem-se, sem constrangimento, à “gente perigosa do Coque. A simples referência ao ‘Coque’ no endereço colocado nos currículos em busca de um emprego cria constrangimentos aos moradores do bairro que buscam ocupações. O preconceito alimenta, assim, um ciclo vicioso de exclusão.

É nesse cenário que o Departamento de Comunicação e o Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco participam, desde 2006, de um conjunto de intervenções orientadas, inicialmente, pelo objetivo de transformar as representações midiáticas do Coque. O convite à Universidade se deu a partir da aproximação entre estudantes de Jornalismo com atuação nos movimentos sociais e jovens do Movimento Arrebrandando Barreiras Invisíveis – MABI, coletivo que aglutina integrantes do movimento cultural e das bandas de rock do bairro. O MABI propôs então aos estudantes a produção de um jornal-laboratório capaz de ressaltar os pontos positivos do bairro.

A experiência de colaboração que resultou no jornal desdobrou-se nas intervenções extensionistas no bairro que, hoje, envolvem professores, alunos e egressos de mais outros três departamentos da UFPE. Essas intervenções se materializam em projetos apoiados pelos programas de extensão universitária dos ministérios da Cultura e da Educação. De modo geral, esses projetos têm contemplado iniciativas de produção e difusão de conteúdos (vídeos, fotos, revistas, fanzines, blogs, flickrs etc.), bem como a realização de circuitos culturais na comunidade (eventos de rua, cineclube popular etc). Nos projetos, essas práticas de comunicação também têm estado intrinsecamente ligadas à formação crítica e capacitação de adolescentes e jovens no manuseio técnico-expressivos de mídias por meio de cursos, oficinas e eventos de caráter pedagógico (seminários, grupos de estudo), assim como pela atuação da Biblioteca Popular do Coque criada como parte dessas intervenções. As experiências no Coque também foram objeto, somente em 2009, de 04 monografias, 05 pesquisas de iniciação científica e 05 mestrados (em curso).

O nome *Coque Vive* designa hoje, no entanto, mais que um projeto de extensão universitária. Coque Vive define uma rede de promoção social composta, além da Universidade e do MABI, pelo Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), uma associação dedicada à formação holística com mais de 20 anos de atuação no bairro. A atuação colegiada desses distintos atores sociais na comunidade tem construído e permitido a vivência dessa noção de *rede* em diferentes acepções. *Coque Vive* designa hoje,

sobretudo, uma instância de articulação que reúne todos esses atores sociais e outros com os quais estes têm entrado em relação – ONGs, como Observatório de Favelas; coletivos locais de artistas de rua; Rede de Bibliotecas Comunitárias, Paróquia São Francisco de Assis, Coletivo Latino Americano de Jovens Promotores de Juventude, entre outros. Decorre dessa sua assumida vocação à capilaridade e à tessitura de relações, a autodefinição do Coque Vive como *rede*: uma instância de encontro e, ao mesmo tempo, um tipo de configuração que, além de despir de hierarquias os sujeitos envolvidos, alude à almejada condição de “portal” e catalisador de novas articulações *no e a partir* do Coque. Em última instância, a rede Coque Vive é uma experiência de *presença* em um espaço popular de Recife que, por projeção, nos permite entender tantos outros no Brasil. O sentido que a rede adquiriu extrapola, hoje, essa face institucional. É evidente, porém, que a rede Coque Vive surgiu e atua a partir de projetos de extensão universitária ancorados, ainda hoje, em práticas comunicativas.

Como vimos, esses projetos foram inspirados pela preocupação em transformar as representações midiáticas acerca do Coque, que costuma ser descrito nos jornais locais apenas por seus “tiroteios”, “homicídios”, “ladrões”, “guerra entre traficantes”. O objetivo principal era, então, produzir conteúdos *sobre* o Coque *a partir* do Coque, construindo outras imagens sobre a comunidade capazes não apenas de circular fora do bairro e de influenciar os meios de comunicação tradicionais, mas de criar ou ocupar estrategicamente outras mídias. O que foi assumido como pressuposto da intervenção revelou-se logo seu principal problema: os moradores do Coque *devem* ter outras representações de si e *querem* colocar esses outros conteúdos em circulação. Na prática, não foi bem assim. A maioria dos adolescentes e jovens com os quais começamos a trabalhar demonstrava uma desesperança tão grande no *reconhecimento* pelo outro que essa falta de expectativas terminava por provocar desmotivação. É mesmo difícil o exercício de autoexpressão quando não se viveu ainda processos de *autorreconhecimento* balizadores de manifestações socioculturais. O que parecia nosso ponto de partida tornou-se um dos pontos de chegada.

Um episódio parece bem ilustrativo do problema que enfrentamos. Como parte de um conjunto de atividades de educação para as mídias, desenvolvidas em um curso de formação de “agentes de comunicação solidária”, levamos adolescentes do Coque, que faziam parte da turma, ao Sistema Jornal do Commercio, o principal grupo de mídia local, composto por uma emissora de TV, um jornal, um portal e duas emissoras de rádio. Os jovens tiveram, nessa ocasião, a oportunidade de conversar com a apresentadora de um influente jornal local que

costuma privilegiar notícias policiais. A conversa versava justamente sobre o preconceito que pesa sobre o bairro, mas, quando interrogada pela apresentadora, sobre qual a notícia que daria na edição do telejornal que entraria no ar dentro de mais algumas horas, uma das adolescentes respondeu de imediato: “Mataram um rapaz hoje na esquina lá de casa”.

No contexto da intervenção, uma resposta como essa é sinalizadora. Provocada pela jornalista a falar sobre o Coque, a adolescente propõe uma representação da sua comunidade a partir da imagem que a própria mídia constrói do bairro. No plano mais individual e subjetivo, não parece ser muito diferente: minha identidade define-se, reflexivamente, em relação às imagens que os outros me enviam de mim mesmo (LANDOWSKI, 2002, p.4). Na medida em que o curso de “agentes de comunicação solidária” foi se desenrolando, tornou-se evidente aos estudantes e professores envolvidos a necessidade não só de uma educação *para* as mídias (compreender, resistir, intervir), mas, sobretudo, de uma educação *pelas* mídias (problematização identitária a partir de suas representações). Tal constatação levou a outras: mais que por *ações* estratégicas de comunicação, nossa intervenção no Coque deveria estar lastreada pela busca de *transformações* nos sujeitos e nas suas formas de autoexpressão.

Entre adolescentes e jovens de comunidades estigmatizadas, como o Coque, as práticas midiáticas não se distinguem muito claramente das práticas identitárias em intervenções que surgem como projetos em Comunicação, a despeito de seus desdobramentos interdisciplinares. Afinal, o que entendemos aqui como “práticas midiáticas” envolve tanto a dinâmica das representações veiculadas pelas mídias sobre esses sujeitos quanto a produção de outras representações de si a partir de meios de expressão alternativos. Problematizando representações e propondo outras, os sujeitos reconstróem, na verdade, a si mesmos. Nesse processo, a Comunicação tem operado como amálgama das transformações identitárias calcadas em experiências de formação e criação de produtos culturais.

Decorridos quase quatro anos da chegada dos primeiros estudantes da UFPE no Coque, parece claro que essas transformações identitárias em curso estão intrinsecamente associadas aos vínculos criados entre os sujeitos a partir do convívio cotidiano no bairro e na universidade. A maior clareza dessa preocupação com uma formação de ordem mais subjetiva que, mesmo intuitivamente, esteve sempre no horizonte das nossas práticas, nos levou a problematizar sobre o próprio sentido da intervenção no Coque para as pessoas nela envolvidas. É curioso observar como esse tipo de problematização raramente ocupa aqueles que intervêm nos espaços populares, pois, muito frequentemente, o *sentido* parece ser

confundir com a *finalidade* das práticas. Em uma perspectiva mais fenomenológica, no entanto, o sentido emerge da compreensão, ao mesmo tempo inteligível e sensível, da nossa experiência *com* e *no* mundo. No exercício de busca do sentido das nossas experiências, as proposições de Eric Landowski tiveram uma importante função heurística.

Regimes de interação, do contrato ao contato

Em seus trabalhos mais recentes, Eric Landowski (2005) empreende um esforço de descrição teórica de princípios elementares relativos à maneira pela qual o sujeito constrói suas relações com o mundo, com o outro, consigo mesmo. Landowski configura, a partir da identificação e formalização de relações, quatro regimes de interação que se intercambiam nas distintas práticas sociais ou mesmo em uma única delas, formando um sistema dinâmico que admite deslocamentos de um ao outro bem como a sua conjugação. Os regimes de interação correspondem a modos de agir dos actantes⁶ uns sobre os outros, a partir de dois grandes modos de “estar no mundo”, o *fazer ser* (modos de existência) e o *fazer fazer* (modos de ação). Correlacionados a esse dois eixos, Landowski identifica, respectivamente, os regimes da programação e do acidente, da manipulação e do ajustamento. É necessário então apresentá-los, ainda que brevemente, antes de apontarmos como tais proposições repercutiram no Coque Vive.

O regime da programação, segundo Landowski (2005), é fundado nas regularidades de comportamento de todos os tipos de atores possíveis (humanos ou não-humanos). Há formas de programação baseadas tanto em causalidades físicas quanto em condicionamentos socioculturais que são o objeto de aprendizagens e se exprimem em práticas rotineiras (ordem social). No primeiro caso, o que se tem são regularidades físicas ou biológicas de tal ordem que, para as mesmas ações, teremos sempre os mesmos efeitos. No segundo caso, Landowski refere-se a regularidades de comportamento de ordem social e simbólica (“boas maneiras”, práticas mecanicistas e deterministas, comportamentos “automatizados”, por exemplo), assim como a coerções sociais. Esses comportamentos são tão internalizados ou “assumidos” que parecem fazer parte de uma “ordem natural das coisas”. Nos dois casos, o sujeito e o objeto

⁶ Na metalinguagem semiótica, o termo actante designa os elementos atuantes em uma relação seja qual for a sua natureza. Os interactantes ou interagentes podem ser, portanto, sujeitos históricos e reais ou não. Na descrição dos regimes, o autor leva em consideração tanto fenômenos de ordem social (simbólica) quanto física (*physis* e *soma*).

agem, portanto, conforme um programa de comportamento determinado. Programar, ou “operar”, é agir de fora sobre a localização, a forma, a composição ou o estado de qualquer sujeito ou objeto.

O que significa, do ponto de uma narrativa, uma *programação*? Significa o desenvolvimento de um percurso narrativo no qual o actante tem um papel temático que predetermina e circunscreve rigidamente sua atuação. No conto popular, por exemplo, o caçador é sempre e tão somente aquele que caça, o que implica necessariamente uma posição fixa e cristalizada no universo narrativo. Se propusermos agora a questão no contexto das intervenções sociais chegaremos à mesma constatação. O que significa, do ponto de um projeto social ou de uma ação extensionista, uma *programação*? Significa conceber uma intervenção orientada também por papéis temáticos ou, em outros termos, por posições sociais ou identidades estáticas ou mesmo estanques. Quando pensado nas relações entre os sujeitos históricos e reais, o regime da programação pode ser associado, portanto, a regularidades simbólicas que costumam se manifestar por meio de estereótipias de toda ordem.

No regime da programação, as formas de ação entre sujeitos ou entre sujeito/objeto se dão em termos de interobjetividade e de exterioridade. Quando, ao contrário, a ação se dá em termos de intersubjetividade e de interioridade, intervindo em algum grau na “vida interior” do outro (procedimento persuasivo), já estamos no regime de interação por manipulação. Landowski (2005) descreve o regime da manipulação como aquele fundado sobre um princípio de intencionalidade no qual se impõem as motivações e as razões do sujeito. A manipulação exige, portanto, um “sujeito de vontade”, capaz de avaliar os valores em jogo aos quais o manipulador apela para que ele faça suas escolhas. Consiste em procedimentos persuasivos por meios dos quais um sujeito age sobre o outro, levando-o a *querer e/ou dever* fazer alguma coisa, a decidir segundo seus interesses e paixões.

Por isso, o regime da manipulação envolve necessariamente um sujeito que deseje (*quer*) que o outro deseje (*queira*); um sujeito que sabe e quer que o outro saiba, um sujeito que crê e quer que o outro creia. A competência necessária para manipular um sujeito qualquer corresponde a um fazer que o outro queira, ou seja, um *querer fazer* que o conduz ao *fazer fazer*. Mas, para que um sujeito queira fazer algo – e, efetivamente, o faça – é preciso que o manipulador o faça crer ou saber das vantagens daquele querer e fazer (não importa que o querer e o fazer sejam provocados, objetivamente, por promessa ou ameaça, ou,

subjetivamente, por sedução ou provocação). O modo pelo qual um actante (interagente) influencia o outro envolve, assim, uma troca de objetos-valor⁷ entre os interagentes; implica em um sujeito manipulado a partir dos conteúdos postos em circulação por um sujeito manipulador. Essa lógica transacional – *troca* de mensagens, de simulacros etc. – pressupõe necessariamente um *contrato* entre sujeitos, pois vem daí suas motivações. Por isso, segundo Landowski, a lógica transacional da manipulação nos remete a uma problemática de ordem cognitiva e, de certo modo, “econômica”.

Se a manipulação depende do *contrato* entre os sujeitos, no regime de interação por ajustamento, a maneira pela qual um ator influencia um outro passa pelo *contato*. Um sujeito não busca mais, unilateralmente, fazer um sujeito fazer. Busca-se agora *fazer junto* na medida em que *sentem juntos*. Nesse regime do ajustamento, o sentido está, segundo Landowski (2005), na relação mesma entre os actantes e nas transformações que neles se operam tão somente por sua co-presença sensível; o sentido aqui depende da intervenção de um sobre o outro *enquanto* corpo e *como* corpo (co-presença). A interação não mais se fundará sobre o *fazer crer*, mas sim sobre o *fazer sentir* – não mais sobre a persuasão, mas sim sobre o *contágio*. Na descrição de Landowski, o contágio designa um tipo de sentido cuja particularidade é justamente ser *sentido*. Para o autor, o contágio pode ser considerado como o procedimento básico pelo qual os actantes interagem e atuam uns sobre os outros por meio daquilo que passa diretamente de um ao outro a partir de suas propriedades ou qualidades sensíveis. É por meio dessa presença contagiosa (uma emoção, um sentimento, uma sensação ou mesmo um tipo de inteligência) que se dá a sua mútua transformação de estado. Trata-se de uma transformação, porém, que não requer qualquer ação (ou seja, um agir): uma transformação que se dá a partir do ajustamento mesmo de um ao outro, que se identifica com a própria reciprocidade que se instaura nesse contato.

O que se busca não é mais um fazer-fazer, mas um *fazer junto*. Esse *fazer junto* não implica, no entanto, em qualquer adaptação unilateral de um ao outro (própria da programação). Em uma interação programada, para se chegar a certos fins, é bastante que um actante se apóie em certas determinações preexistentes, estáveis e conhecidas do comportamento do outro. Nas interações por ajustamento, o actante com o qual se vai

⁷ Na metalinguagem da gramática narrativa proposta pela semiótica discursiva, o conceito de objeto-valor remete a tudo aquilo que circula entre os sujeitos e em torno do qual se desenrolam e são motivadas as suas ações. Corresponde, portanto, a qualquer instância de investimento de valores sejam estes manifestos por coisas, sentimentos, ideologias etc.

interagir não tem um comportamento previsível. Seu comportamento é dotado de uma dinâmica própria e, por não ser redutível a condições preestabelecidas, não se pode circunscrevê-lo a um papel temático. Suas posições são flexíveis e plurais, suas identidades meramente prováveis. É na própria interação entre os interactantes – alçados agora à condição de *parceiros* – que os comportamentos, papéis, posições emergem pouco a pouco. Um não planeja o que vai resultar da sua interação com o outro, pois, nela, cada um dos interactantes descobre uma forma de realização mútua. Landowski exemplifica o ajustamento com a dança. Ele não se refere àquela dança ensaiada, “codificada”, “programada”, e sim à dança na qual cada parceiro se realiza como dançarino no momento mesmo em que dança (*se faz* dançarino junto com o outro), sentindo, apreendendo o movimento do outro.

A interação por ajustamento está baseada, segundo Landowski, no contágio entre sensibilidades (acalmar o outro pela minha calma; fazer o outro confiar pela minha confiança, motivar o outro pela minha motivação etc.). O fundamento do contágio é, como vimos, a reciprocidade, seja qual for sua forma de manifestação. Sendo assim, o contágio manifesta-se ora como uma apreensão imediata e *em ato* entre sujeitos, ou entre sujeito e objeto, por meio de suas propriedades ou “qualidades” (*physis* e *soma*), ora como um *aprendizado* entre os interactantes, fruto de um contato repetido e duradouro entre eles. Em todas as situações, no entanto, depende sempre da *presença* de um ao outro. O contágio não se define, portanto, apenas como um tipo de relação prenante de natureza físico-somática ou sensorial, mas também pode ser pensado, em certas práticas sociais, como a constituição de *vínculos* decorrente de um *convívio* por meio do qual os sujeitos se (re)constroem.

O último dos regimes descritos por Landowski (2005) é o acidente, um processo interativo fundado sob o princípio da probabilidade, da imprevisibilidade, da aleatoriedade. O autor define o acidente contrapondo-o ao regime da programação no qual, ao contrário, o “mundo” é bem ordenado uma vez que os comportamentos são prefixados, os papéis predeterminados. Na descrição genérica proposta por Landowski, o acidente é sempre o efeito do cruzamento de duas trajetórias no qual não se pode identificar nem causa (regularidade) nem finalidade (intencionalidade). O regime do acidente está relacionado à ruptura das regularidades de qualquer ordem, configurando-se a partir do possível, mas absolutamente incerto. Está associado, portanto, à ordem do puro risco. Em uma dimensão interobjetiva, o acidente manifesta-se por meio da co-incidência e, conseqüentemente, da coincidência, como a telha que cai na cabeça de um passante ou uma como uma trombada

entre frequentadores do metrô. Remete, por vezes, a probabilidades matemáticas (o acaso “estatístico”) e a probabilidades míticas (o acaso dos “fatalistas” ou “supersticiosos”, “sorte”). Em uma dimensão mais intersubjetiva, o acidente está relacionado ao surpreendente, a irrupções de descontinuidades radicais numa ordem social previsível e “programada”, em comportamentos ou atuações esperados ou estandardizados.

Os regimes de interação propostos por Landowski não se definem substancialmente, mas sim a partir de uma rede fundamental de relações apresentada na forma de um quadrado semiótico (Fig.1), um aparato teórico-metodológico que permite a sistematização de relações de contradição, contrariedade e implicação. Fundado em operações lógicas, o quadrado semiótico estrutura-se, inicialmente, a partir de uma relação de contrariedade entre termos em que um se define por oposição ao outro numa mútua pressuposição (na Fig.1, é esta a relação entre as categorias polares que se opõem nos eixos horizontais superiores e inferiores). O quadrado envolve também uma operação de negação de um termo pelo outro, ou seja, uma relação de contradição de uma categoria pela outra que se define pela ausência dos traços de uma na outra (na Fig.1, é esta a relação entre as categorias polares que se opõem nos eixos diagonais subtendidos). A última etapa de construção do quadrado prevê uma relação de implicação ou complementaridade entre os termos, agora, a partir da possibilidade que existe da negação de um produzir a asserção do outro (na Fig.1, é esta a relação entre as categorias polares que se alinham nos eixos verticais). A conjugação em um quadrado semiótico dos princípios e procedimentos subjacentes aos regimes de interação nos permite não apenas visualizar melhor com estes se interdefinem, mas também como se intercambiam em práticas sociais como as aqui analisadas.

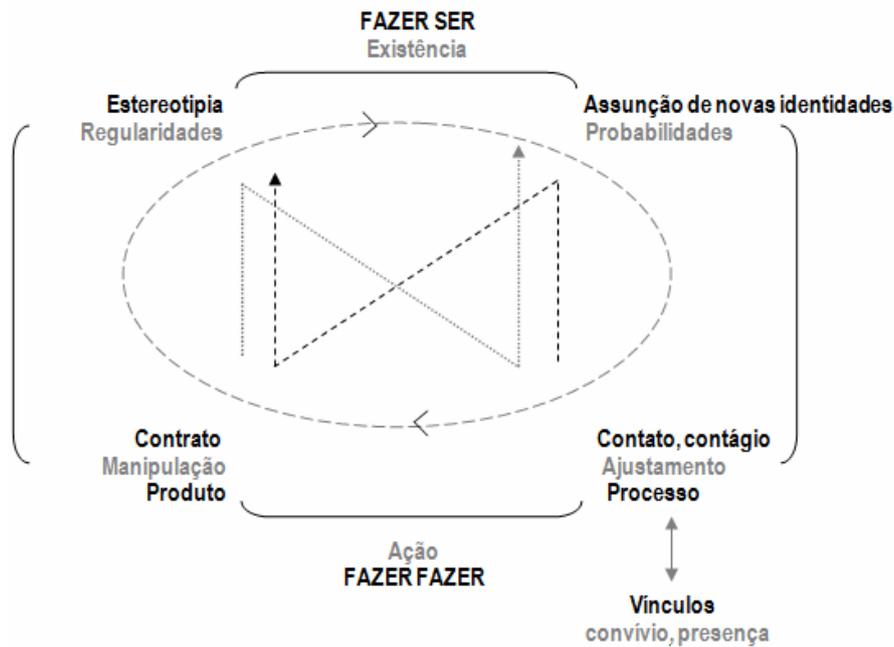


Fig. 1

Práticas comunicativas e regimes interativos no Coque

Uma grande parte das intervenções sociais é orientada exclusivamente pelo regime da manipulação. Fundado numa lógica transacional e em um procedimento interativo persuasivo, tais intervenções costumam ser pautadas por contratos nos quais o interventor oferece algo e espera como retorno um *produto* de qualquer ordem seja qual for a sua natureza. Ao usar esse termo, não nos referimos aqui apenas a um produto *stricto sensu* – textos, publicações, vídeos, fotos, blogs etc. –, mas a conjunto amplo de resultados mais concretos, tangíveis, “quantificáveis”, demandados pela institucionalização das intervenções em projetos financiados pelas instâncias de fomento. Em muitas intervenções sociais, essas ações e resultados esperados tanto são orientadas quanto conduzem à adoção de estereótipos subjacentes à “lógica econômica” da programação – a da troca e da transferência –, na qual se tem um beneficiador (benfeitor) e um beneficiário. A “matemática” da intervenção é simples: há um “carente” (papel temático) do que quer que seja ao qual se oferta algo (o atendimento manifesto nas ações previstas no projeto) e, em razão disso, se obtém algo (a transformação do seu próprio papel temático, agora, “beneficiário”). Como toda a “lógica” da intervenção é presidida pela intencionalidade do beneficiador (a carência que ele identifica e o modo como

ele pretende saná-la), não se espera do beneficiário outra coisa a não ser uma resposta previsível propiciada por certas regularidades de comportamento: todo carente quer, afinal, resolver sua carência, é o que se espera. Quando os interactantes cumprem sua programação celebra-se o êxito da intervenção. Nem sempre, porém, é assim que funciona.

Se toda interação contém uma margem de risco – maior ou menor em função, justamente, do princípio interativo subjacente –, é possível que, no curso de uma interação “programada”, ocorra a “quebra” dos contratos, a ruptura da “lógica transacional” e das regularidades. No caso do Coque Vive, começamos a nos dar conta dessas rupturas na “matemática” do contrato quando constatamos, após o segundo ano de intervenção no bairro, de um lado, uma significativa evasão no curso de formação de agentes de comunicação solidária – cujo produto almejado era uma turma de adolescentes e jovens motivados e capacitados a produzir textos, blogs, vídeos, fotos etc. com novos conteúdos sobre o Coque – e, de outro, nossa incapacidade de “oferecer” algo novo aos egressos. Uma parte dos nossos ex-alunos permanecia por perto, cultivando laços, convivendo conosco nas atividades com os “novatos”, sem papéis muito claros.

Diante das dificuldades em motivar as novas turmas e da constatação dos vínculos criados com alguns daqueles aos quais não tínhamos mais papéis temáticos a atribuir nem ‘benefícios’ a ofertar, do ponto de vista dessa “matemática” da carência, começamos a nos dar conta de que o sentido das nossas práticas residia menos nos *produtos* e mais nos *processos* vividos. Nossa *presença* cotidiana no Coque nos pareceu ser um fim em si mesmo. Nesse processo, fomos compreendendo que a transformação entre os sujeitos envolvidos na intervenção – jovens moradores do Coque, estudantes e professores da UFPE, voluntários – estava se dando graças, sobretudo, a esse *convívio* regular e intenso no qual fomos aprendendo mais um sobre o outro, no qual fomos nos ajustando, nos *contagiando*, nos (co)movendo. Fomos, então, nos despidendo dos papéis temáticos assumidos (o “carente” ou “beneficiário”, o “professor” ou o “benfeitor”) inicialmente e nos tornando verdadeiramente parceiros de uma *dança* ritmada por conflitos de identidade e alteridade, mas suavizada pela busca sincera da reciprocidade.

Esse convívio continuou a se dar em torno do que nos levou até lá, a problemática das representações, mas, agora, estávamos menos ansiosos para produzir conteúdos e “ocupar” a rede (internet) ou “cavar” espaço na grande mídia. Passamos a investir mais na própria interlocução, compreendendo que a formação se dava nos encontros reiterados (grupos de

estudos, reuniões semanais, seminários, cineclube etc.). Continuamos a fazer vídeos, fotos, textos de diversas naturezas, que permanecem circulando. Mas, as ideias e temas desses conteúdos produzidos e postos em circulação emergem, agora, mais naturalmente de discussões que, ao deflagrar processos de autorreconhecimento, fomentam formas de auto-expressão que manifestam hoje, sobretudo, numa preocupação com a recuperação da memória da comunidade. Nas intervenções da rede Coque Vive, as práticas midiáticas se imbricam hoje de tal maneira com práticas identitárias que estas passaram a ser, de fato, o eixo norteador de todas as nossas iniciativas no bairro. Essas transformações identitárias não concernem apenas aos jovens do Coque, mas também aos jovens universitários que, ao participarem do Coque Vive, reposicionam-se muito claramente em relação à sua prática profissional. A articulação entre iniciativas de Comunicação, Educação e Cultura propiciam aqui, antes de mais nada, o ambiente para a ocorrência de interações intersubjetivas por si sós dotadas de sentido. Investimos agora, mais claramente, na vivência de processos que provoquem, pelo contato sensível entre os sujeitos, a assunção de novas identidades. É como decorrência de práticas identitárias vivenciadas no âmbito Coque Vive, e nas quais se dão as transformações dos sujeitos nelas envolvidas (*fazer ser*), que essa rede de promoção social age então sobre o mundo (*fazer fazer*).

No curso das intervenções no Coque, todos os regimes de interação se conjugam, se sobrepõem, se alternam em função dos momentos e das experiências vividas – o que inclui até a conjuntura do bairro⁸ – e das demandas concretas dos projetos aprovados. No simulacro teórico-metodológico do quadrado semiótico, a orientação (cf. seta pontilhada na Fig.1) que nos leva dos procedimentos manipulatórios, calcados nas regularidades, aos processos de ajustamento, nos quais novas identidades são assumidas, pode também inverter o sentido (cf. seta serrilhada na Fig.1). As dinâmicas de *contato*, que propiciam pluralidade identitária e culminam com “mobilidade” e intercambialidade de papéis, comportam também os deslocamentos necessários à lógica do contrato para que possamos dialogar institucionalmente e operar estrategicamente no seio de uma ordem social presidida por regularidades (universidade, mídias, órgãos públicos e de fomento etc.). A riqueza do sistema interativo descrito é justamente o *movimento* (cf. círculo pontilhado na Fig.1) que permite a

⁸ Dois dos integrantes do MABI, por exemplo, foram obrigados a passar um tempo fora do bairro ora em função de ameaças que um deles recebeu de membros de grupos ligados ao narcotráfico, ora por medo da violência policial da qual ambos foram vítimas.

passagem de um regime a outro, instaurando uma dinâmica que permite o reconhecimento, a cada momento, do próprio sentido da intervenção para os sujeitos interagentes. Na experiência do Coque Vive, essa dinâmica dos regimes de interação esteve subjacente e foi vivenciada em vários momentos que, depois, foram descritos em termos mais objetivos e compatíveis com os relatórios institucionais nos quais é praxe se privilegiar mais os produtos que os processos. Em um momento, no entanto, esse movimento do contrato ao contato se tornou mais evidente e, por isso, merece ser destacado aqui. Referimo-nos à criação da Estação Digital de Difusão de Conteúdos Coque Vive.

A ideia nova nasceu a partir de um desejo antigo. Os jovens do MABI sonhavam em registrar a produção das principais bandas de rock do bairro (um CD coletânea). A oportunidade surgiu quando o jornal-laboratório “Coque”, primeiro produto midiático realizado no bairro em parceria com o MABI e o NEIMFA, ganhou o prêmio Caixa de Jornalismo Universitário, no valor de dez mil reais. Embora fosse a detentora institucional da premiação, a equipe da UFPE não impôs sua vontade, embora tenha manifestado sua predileção por aplicar os recursos ou na instalação de um espaço de produção audiovisual no bairro ou mesmo na compra da casa alugada onde está instalada a Biblioteca Popular do Coque, um fruto das ações desse grupo que, na ocasião, estava sob a tutela institucional do NEIMFA e da Universidade. Chegou-se mesmo a cogitar em financiar ao menos a gravação de um CD “demo” com esses recursos para atender aos anseios do MABI. Nas inúmeras conversas entre os parceiros sobre o destino do prêmio, já começou o mútuo aprendizado. Dos deslocamentos recíprocos, surgiu a ideia da “estação”, uma proposta que resultou do encontro de várias vontades: a vontade do NEIMFA de estimular outras redes de sociabilidade entre os jovens do bairro, a vontade dos estudantes de Comunicação da UFPE de vivenciar outras práticas midiáticas, a vontade do MABI de pavimentar, no Coque, um caminho para as manifestações musicais (e culturais, de modo mais amplo) a partir da construção no bairro de um estúdio de áudio.

Na sua atual configuração, a Estação Coque Vive é mais que um local físico, é um *lugar* de sociabilidade conformada em torno de práticas comunicativas. O espaço físico fica na sede do NEIMFA e é composto por um estúdio isolado acusticamente para gravação musical conjugado com uma pequena sala onde está instalado um computador para edição de vídeo e áudio. Nele, estão disponíveis equipamentos para produção musical (caixas de som, microfones, bateria etc.) e audiovisual (câmeras fotográficas e de vídeo, projetor, DVD etc.)

cujo uso é, hoje, gerido colegiadamente pelos integrantes da rede Coque Vive. A Estação é também um espaço virtual, um conjunto de iniciativas articuladas de inserção de conteúdos sobre e a partir do Coque em diferentes plataformas na internet (Picasa, Ning, YouTube, flickrs, blogs etc.), assim como a manutenção de um site colaborativo em construção (um “portal”), que foi concebido pelos integrantes da rede em várias reuniões de trabalho e que deverá abrigar suas contribuições espontâneas (www.coquevive.org). Chegar a tal configuração exigiu, além dos deslocamentos de partida, muitos outros aprendizados.

Foram inúmeras as dificuldades concretas a superar: pouco dinheiro, descompromisso dos técnicos responsáveis pela acústica, “bronca” com as instalações elétricas do NEIMFA, intempéries naturais, como chuvas que provocaram infiltrações no espaço, e, também, questões pessoais que – sempre – surgem e, no Coque, envolvem inclusive ameaças ora de traficantes ora de policiais. Enfrentamos desde a nossa inexperiência para construir com as próprias mãos um espaço dessa complexidade até a descrença de alguns integrantes da rede quanto à possibilidade efetiva de realizarmos aquela obra. Para otimizar os recursos escassos, um grupo de jovens do MABI assumiu a reforma física do espaço, pois muitos deles já haviam trabalhado eventualmente como pedreiros ou eletricitas. Mas, envolvidos com atividades informais que lhe garantiam a própria sobrevivência, não podiam se dedicar exclusivamente à obra, provocando sucessivos atrasos. Muitos mutirões, envolvendo todo o grupo do Coque Vive, foram necessários nesse processo, assim como a ajuda voluntária de muitos amigos dentro e fora do bairro. Os próprios jovens envolvidos no projeto, do Coque e do CAC⁹, assumiram a gestão não só da obra física, mas também dos seus recursos. O cartão que movimentava a conta bancária, onde havia sido depositado dinheiro da premiação, circulava de mão em mão. As prioridades da construção e compras eram decididas em encontros no NEIMFA que, em certa etapa, passaram a ser quase diários. Mas os tempos e modos de agir eram distintos: do MABI vinha a “lógica” do improviso, das contingências do dia e do *bricoleur*; da Universidade, a “lógica” do planejamento, dos prazos e do engenheiro.

Muitos conflitos ocorreram, muitas conversas, negociações e novos deslocamentos também. Muitas surpresas e rupturas foram necessárias, muitas expectativas foram frustradas, sobretudo em relação a prazos. Por diversas vezes inaugurações foram marcadas e desmarcadas, uma destas deveria, inclusive, coincidir com a visita de dois importantes teóricos da Comunicação, Armand Mattellart (Université Paris 8, França) e John Downing

⁹ Sigla do Centro de Artes e Comunicação da UFPE.

(Southern Illinois University, EUA), à Universidade e ao Coque. As visitas ocorreram com sucesso; a inauguração, não. A construção da Estação levou mais tempo do que imaginamos inicialmente porque envolveu, em meio às ações, as transformações em curso dos nossos próprios regimes de interação. A pretexto de decidir sobre a obra física, escolher os equipamentos e resolver “problemas práticos”, estávamos nos encontrando reiterada e regularmente para construir, na verdade, o sentido da Estação e, por extensão, da nossa própria permanência no Coque.

Com o local concluído, mas com o *lugar* ainda *em construção* – e para ser vivo é bom que esteja mesmo permanentemente assim – a Estação sintetiza e corporifica recuos e avanços que perpassaram nosso aprendizado em muitas outras instâncias de encontro no Coque (oficinas de formação crítica e de manuseio das mídias, gestão da biblioteca comunitária, realização de circuitos culturais, Cine Coque etc.). Nesse artigo, porém, não nos preocupamos tanto em descrever “etapas” ou “procedimentos” objetivos envolvidos nessas diversas intervenções do Coque Vive. Por entender que eles conformam práticas comunicativas mais emancipatórias, priorizamos a descrição dos princípios – contato, contágio, ajustamento – capazes de provocar a incerta, mas possível, ruptura com “realidades programadas”: *contratos* que, muitas vezes, só se sustentam graças à própria perda de sentido das ações e que, não raro, impedem os atores sociais de se reposicionarem para continuar *dançando* com esses outros, com quem, inesperadamente, são convidados a *dançar*.

Referências

LANDOWSKI, Eric. **Les interactions risquées**. Nouveaux Actes Sémiotiques, n° 101-103, Limoges: Pulim, 2005.

_____. **Presenças do Outro. Ensaio de Sociosemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2002.